

Mundo

FOLHA DA TARDE

REDACÇÃO

133 — RUA DOS CORREIROS — 2.º

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR

A. DE SOUZA PINTO

ADMINISTRAÇÃO

140 — RUA DOS CORREIROS — 1.º

ASSIGNATURA

Lisboa, trimestre 900 réis
Provincia, semestre (adiantado) 24250 *
Brasil, por anno (moeda forte) 124000 *

1.º Anno

Sexta feira 21 de julho — 1882

Numero 21

PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha 20 réis
Comunicados, por linha 80 *
Numero avulso 10 réis, passado o dia 20 *

TRIBUNA

A DEMOCRACIA ATRAVES DOS SEculos

DEMOCRACIA é a Meduza dos tempos modernos. Ora irrompe, implacável, furiosa, sanguinaria, como nos antros immundos dos tablados, ora se apresenta magestatica, philosophica, prophetica, como nos sumptuosos discursos academicos.

Aqui é immoral, anarchica, torpe, como na communa de Paris; ali decreta o roubo, o assassinio, o sacrilegio, como em Alcoy.

Umaz vezes é tempestade, que abala todo o edificio social, como em 93; outras, é incendio, que só deixa ruinas tras de si, como em 71.

Num dia é serpente, escondida nas trevas, brandindo seu dardo venenoso contra o santuario da familia immaculada; noutro dia é hyena enfurecida, que salta aos cemiterios, para ter o prazer sacrilego de morde nos ossos dos heroes.

Nuns países toma feição de sereia, entoando canticos á realza, para arrastar os principes incautos na voragem de planos diabolicos; noutro país ostenta attitude leonina, julgando que os thronos se abatem diante de olhares ferinos, e de rugidos pavorosos.

Além é demosthenica como nos discursos de Emilio Castellar; mais além é plutarchica como nos escritos de Victor Hugo; lá ao longe é bismarkina como nos planos de Leão Gambetta. Aqui é cambronica na forma, machavelica na essencia, como nos conciliabulos, e nos comicios.

Temos horror aos democratras, que lavam as manchas da theocracia com o sangue dos Derboys, que cobrem

os erros da monarchia com o cadaver de Maria Antonieta.

Detestamos o socialismo, que produziu a torpe prostituição de Sparta, o fanatismo sanguinario de Munster, a sedição dissolvente de Wicclef, os erros perigosos de Fourrier.

Applaudimos e saudamos os democratras da Italia, que se pozeram ao lado da monarchia sarda, para dar unidade, força, e esplendor, ao grande povo trans-alpino.

Contemplamos, com profundo respeito, os republicanos francezes, que protegeram Thiers contra a onda furiosa dos demagogos sanguinarios, e contra a crapula immunda do socialismo dissolvente que faz espuma entre as turbas ignaras.

Somos democratras, mas respeitamos a lei, o direito, e a justiça. Não queremos que o despotismo das multidões venha substituir o absolutismo da antiga realza.

A democracia perde-se na noite dos tempos.

Lamartine respondeu a Platão.

Platão foi mais sublime; Lamartine menos utopista. O philosopho grego quiz tirar o infinito do finito, o absoluto do contingente; o republicano de 48 quiz transformar o egoismo em civismo, os vicios revolucionarios em virtudes patrioticas.

Platão desejava que cada homem fosse um Deus; Lamartine contentava-se que cada homem fosse um cidadão. O primeiro via a republica á luz da metaphysica, o segundo olhou para a sociedade através da sua lyra. Um é o genio das sciencias especulativas, o outro é o transumpto do sentimentalismo. Voaram ambos nas azas da poesia social para a philosophia divina, para mundos phantasticos, para o infinito. Nem a humanidade os comprehendeu, nem elles comprehendiam a humanidade.

Paz aos poetas da democracia . . .

Vamos desdobrar diante dos leitores as paginas medonhas do com-

munismo, sempre torpe, e do socialismo, demagogico, sempre despotico e sanguinario.

Não falaremos da republica, que principia com as iniquidades de Jozué, e que termina com a negregada corrupção de Joel e Abica.

Não discutiremos a divição agraria, caprichosa, periodica, instituida por Moysés.

Passaremos isto por alto, porque, através do espirito revolucionario da nossa epoca, e através do feudalismo da idade media, olhamos para um povo, na infancia das sociedades, que usa e abusa da força, e que fiel aos «direitos de conquista», divide entre si os despojos dos vencidos, ou dos captivos.

Não se póde discutir as instituições moizicas num país, que se debate entre a ignorancia systematica, e a tradição pueril.

Custa fazer a critica de um povo, que sai do captivo para fazer captivos, e é triste a historia de uma geração que se emancipa, para fazer escravos.

Não podemos admirar Jehovah no valor phantastico dos Sangares e dos Davides, que brilham sobre o sangue do proximo.

Deus proclama a paz e o amor. Deus é bom e justo. Christo é o nosso Deus.

Portanto, Debora, á sombra da palmeira de Ephraim, faz-nos lembrar Apollo no templo de Delphos, e Sybilla nos reconavos de Cumas.

Nós, durante a republica hebraica, vemos gerações exterminadas; cidades arrazadas; prostituição moral, temperada no fanatismo sanguinario; o egoismo brutal, selvagem, pesando sobre a justiça; a familia immolada á ambição de um homem; a sociedade esmagada pelos caprichos de um guerreiro.

Afastemos os olhos d'aqui. Seguiremos.

HAMLET.

VIDA DA CÔRTE

Depois dos excessos subversivos soltos á historia pela turba vadia, irradiaram no gremio culto da gravata branca alguns episodios, que pedem um reparo á imprensa.

Na baixa um cavalheiro portuense, digno e brioso, avançava tranquillamente, e dois templarios da balburdia julgaram opportuno jogar chufas sobre o nobre caracter de Porto.

O cavalheiro, julgando-se affrontado com as chocarrices provocantes, mimoseou as faces dos heroes com dois tremendos bofetões, e entregou o seu cartão.

Os moteja lores insolentes ficaram mudos e quedos.

Ora aqui está como Deus quer os corações.

Os hotéis vão fazer preces pela appareição brusca de novas commissões civicas das provincias. Esta lithurgia politica agrada lhes sobremaneira. Este «sobremaneira» parece-nos classico attento o caso de que se trata.

Os criados das hospedarias, que tiveram a doce sorte de estar ás ordens das embaixadas provincianas, recordam, suspirosos, as tentadoras gorjetas de tão generosos cavalheiros.

Elles perguntam se pegará a moda.

Conta-se que o Athenium de Londres vai pôr, por claro, as escandalosas revelações de miss Stowo ácerca da vida privada de Byron.

Revelação eca daloza de uma dama ácerca da vida privada de um homem—é cazo para atheneu.

A diplomacia indigena anda profundamente preocupada com o governo de Angola.

Achamos justo.

Quando o ideal do progresso quer derivar a corrente emigrante da Ame-

rica para Africa, os espiritos do futuro devem ter os olhos fixos sobre a governação d'aquella parte do velho mundo.

E' triste o aspecto da nossa vida colonial.

Todos fogem d'aquellas plagas inhospitas, onde, muitas vezes, o crime liberto faz as honras da caza á civilização da Europa. E quem para lá vai é para queimar, ao sol dos tropicos, algum espinho d'alma.

Isto em geral.

Tudo tem excepções e o governo de Angola está neste cazo.

Debatem-se aspirações, na rota da sua conquista, em horrido pleito politico.

Muito disputado, o governo de Angola.

Os collegas affiançam que não ha algum porto sujo nas costas do Brazil.

Não acontece o mesmo em Portugal, onde quasi todos os portos estão pouco limpos.

Dois jornalistas encontram-se. Um alegre, outro triste.

O alegre: Em que pensas? pensas na tua vida?

O triste: Não; penso na vida dos outros.

Reune hoje o conselho de Estado.

O sr. Pimentel, general reformado, morreu, victima de uma doenca mental, de que soffria ha muito. A curiosidade publica nada ganha com os pormenores do cazo, e a boa hygiene prohibe-os.

Um despacho telegraphico da Agencia Havas, datado do Rio de Janeiro e publicado ha dias por jornaes francezes e inglezes, de onde foi transcripto por varias folhas portuguezas, annunciava a modificação do ministerio brasileiro. Os periodicos do Imperio chegados hontem a Lisboa confirmam a noticia.

transpôr o marco millenario das gerações, que avançam, e param no momento de transição para um mundo novo, porque aprás ás suas almas ouvir os bellos gemidos maviosos das coizas, que morrem no espirito humano.

L

Já não era o outono, era um doce inverno ainda illuminado e tépido pelas irradiações do sol entre nuvens.

Ainda queriamos illudir-nos, e diziamos que era o outono moribundo. Causava-nos tanto horror a ideia do inverno, que vinha separar-nos!

A neve já caía muitas vezes de manhã, formando leves manchas brancas sobre as folhas das rozas de Bengala, e sobre as perpetuas do jardim como a alva penugem de um cysne, que espanejasse as azas entre os ramos nus dos alamos, através dos quaes os viamos rasgar no largo vôo a neblina da tarde.

Ao meio dia o sol derretia a neve; e havia muitas vezes horas deliciosas sobre o lago.

O movimento e a evaporação das aguas era suave, e sereno, como a larga mortalha ondulante, que envol-

FOLHETIM OBRAS PRIMAS

RAPHAEL

(PAGINAS DOS VINTE ANNOS)

POR

A. DE LAMARTINE

XLVIII

Luiz parecia-se com Gilbert no genio, e era capaz de fazer essas estrophes, que hão de viver tanto como os gemidos de Job na lingua humana:

At banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour et je mure;
Je meurs, et sur ma tombe, ou lentement j'arrive,
Nul ne vi-vra verser des pleurs! (1)

Os versos de Luiz commoveram-me.

Peguei no lapis, afastei-me um momento para o fundo da sala, e es-

1 No banquete da vida, infeliz conviva, appareci um dia, e a sombra da morte esvoaçou na minha fronte, quando libava o nectar do festim; morro lentamente, e ao fechar-se a pedra do meu tumulo, niuguem espalhará flores e lagrimas sobre as minhas cinzas!

crevi esses versos, que hão de morrer comigo, sem que ninguem aspire o perfume da tristeza e desesperança, que exhalam ainda para a minha alma nas longas saudades da minha solidão. Li-os, sem ouzar erguer os olhos para aquella, a quem eram consagrados. Eil-os aqui . . . mas não, ninguem os comprehendera; todo o meu genio vivia do meu amor, e desvaneceu-se com a derradeira luz da imagem querida, que me fugiu no ether luminoso, como as rapidas scintillações de uma estrella cadente.

Acabando a leitura d'esses versos vi no rosto de Julia uma tal expressão de terno sentimento e de belleza sobrenatural, que fiquei tão duvidoso entre o anjo e a mulher, entre a adoração e o amor, como nos versos tentara manifestal-o; por fim o ideal divino venceu na minha alma e na alma do meu amigo. Ajoelhamos diante d'ella, e beijamos as pontas do chale negro, que a envolvia até aos pés. Os versos pareceram-lhe unicamente a emanção instantanea, isolada, do sentimento que animava o meu espirito.

Louvou-os, mas não tornou a falar d'elles. Gostava mais da nossa intima conversação natural, dos nos-

sos silencios dulcissimos um junto do outro, do que d'essas subtilzas do espirito, que profanam a alma e não conseguem exprimil-a.

Luiz deixou-nos, alguns dias depois.

XLIX

Em seguida a esses pri neiros versos, que eu lhe fiz, singela estrofe do cantico perpetuo do meu coração, pediu-me ella que lhe compozesse uma ode, que desejava mandar como um tributo de admiração affectuosa, e como demonstração do meu talento, a um dos homens da sua convivencia em Paris, pelo qual tinha uma grande sympathia e respeito.

Era mr. de Bonald.

Sabia d'elle apenas o seu nome, e a brilhante aureola de legislador philosopho e christão, que justamente o glorificava.

Imaginei que tinha de falar a um Moisés moderno, haurindo nos raios de outro Sinai a luz divina, com que illuminava as leis humanas.

Escrevi essa ode 'numa noite.

Li-a de manhã, debaixo de um castanheiro da montanha, á musa que a tinha inspirado.

Na noite de domingo apresenta-se no Passeio Publico a fanfarras de Canecas. Diz-se que vem fugida da philarmonica da terra, que lhe jurou guerra aos trombones e aos cornetins.

Em Canecas passam-se dias deliciosos, admirando a contenda artistica das duas musicas. Ellas andam em disputa eterna, e teme-se que a Arte fique esmagada naquella conflicto interminavel.

As trompas gemem já de dôr e os clarinetes soltam pios sinistros.

E' a guerra da roza branca e do cravo roxo.

O nosso collega do *Diario de Noticias* diz que poucas sessões do parlamento tem havido mais productoras do que a d'este anno. Não concordamos, completamente. O que podemos affiançar ao collega é que nunca houve nenhuma mais cara.

A proposito vêem alguns traços historicos, concernentes a legisladores e seus honorarios.

Na Belgica os membros da camara dos representantes do povo recebem o subsidio mensal de uns duzentos mil réis.

Nos Paizes Baixos recebem por dia de sessão 35500 réis. Os que habitam fóra da capital teem mais 270 réis por cada hora de viagem. Os membros do senado teem o subsidio annual de uns 8005000 réis.

Na Suissa os deputados do Grande Conselho de Berna recebem 35600 por dia, além das despesas de viagem. O mesmo os do grande conselho de Zurich. Os do cantão Ticino 900 réis. Os deputados da Assembléa Federal, 15800 réis por dia e viagem paga.

Na Alemanha os membros do Reichstag teem a regalia de viajar de graça em todos os caminhos de ferro do imperio. Os da delegação da Alsacia-Lorena recebem meia libra por dia e teem direito ao reembolso das despesas de viagem.

Os deputados da Baviera, além de viagem gratuita, recebem uns 15800 réis por dia.

Na Prussia os deputados teem um subsidio para residencia e viagem.

Os deputados dos dois ducados da Saxonia-Coburgo e da Saxonia-Gotha recebem meia libra por dia. Quasi o mesmo os do Wurtemberg.

Os deputados suecos teem uns réis 3005000 por sessão ordinaria de quatro mezes, e 25500 réis por dia durante a sessão extraordinaria, além das despesas de viagem.

Os deputados noruegueses, viagem paga e uns 35000 réis por dia de sessão.

Na Dinamarca os membros do Rigsdag uns 15500 réis por dia e viagem paga.

Na Austria os membros da Junta permanente recebem um subsidio vo-

tado pela Dieta. Quanto aos deputados húngaros teem a dotação annual de 3605000 réis, além de 25300 por dia de sessão.

Os deputados da Grecia, 3605000 réis por sessão ordinaria. No caso de sessão extraordinaria, só recebem as despesas da viagem.

Na Rumania os deputados teem viagem paga e perto de uma libra por sessão.

Na Servia uns 15500 réis por dia.

Finalmente, os deputados francezes recebem, se a memoria nos não engana, 2:1605000 réis por anno, e os senadores 3:2405000 réis.

Só os deputados italianos e inglezes é que não ganham nada.

Corre o boato de que lavra a discordia entre o partido progressista. Não admira; aquelle *enlace* do grupo historico com o reformista sempre nos pareceu feito mais por conveniencia, que por amor. A desconfiança não é de agora, é antiga.

Na sessão da camara dos deputados em 4 de Agosto de 1869 apresentou o sr. Brauncamp a seguinte moção:—*A camara, ouvidas as explicações do governo, e convencida de que ellas não correspondem á gravidade das circumstancias financeiras, passa á ordem do dia.* Um dos ministros era o sr. Saraiva de Carvalho, que estudava os projectos de fazenda na carruagem. Tal era o zelo, e a pressa com que queria salvar o paiz!

O sr. Brauncamp, porém, não acreditava e consurava-o; e o orgão do seu partido—*O Paiz*—não só não aclava bons os ministros, mas, o que é mais, a fórmula de governo que ainda nos rege, pois no artigo principal d'aquelle memoravel dia 4 de agosto de 1869 proclama a ideia da republica e diz que só com ella poderemos conservar a honra, a independencia e a liberdade!

Nós só pedimos uma coisa: quando chegar a republica, que proclamavam em 1869, não conservem a liberdade de atirar pedradas.

O consulado de Portugal em Alexandria, está reduzido a ruinas. Antes de bombardeado foi saqueado.

O que é este mundo...

No tempo da escola de Alexandria, irradiava d'ali a luz da civilização para o globo conhecido. Hoje em logar de Hypacia ha megeras, em logar de philosophos ha beduinos.

Nesta evolução atravez do tempo e do espaço, o transformismo é a lei fatal.

A Inglaterra tambem ha de ter a sua vez.

Nota-se certa difficuldade em chegar, intacto, a Lisboa, qualquer brinde appetitozo que venha pelas vias ferreas. Parece que, das penumbras do mysterio, irroupe nariz magico, com

sa atmosfera meridional tão perto um do outro, separados da terra por esses abysmos d'agua, tudo isso inundava-nos ainda por momentos de uma tal voluptuosidade, de uma tal plenitude de alegria interior, de um tal extase de paz no amor infinito, que desafiavamos o mesmo ceu para que fosse capaz de acrescentar alguma coisa á immensidade do nosso sentimento.

Mas essa felicidade era maguada pela ideia amargosissima de que estava prestes a acabar; cada percussão dos remos vibrava no intimo dos nossos corações, como um passo para o dia que nos aproximava do termo fatal da nossa separação.

Quem sabe se amanhã essas folhas, que tremem nas figueiras sobre os rochedos ao vento mavioso da tarde, não cairão fustigadas pelo nordeste sobre as aguas revoltas do lago? se esses musgos verdes e avelludados, onde poderíamos sentar-nos ainda, não estarão cobertos de fria neve? se esses esplendidos escolhos coloridos pelo sol poente, esse ceu azul e diáfano, essas ondas scintillantes, não estarão envolvidas na proxima noite na longa mortalha escura das neblinas e dos aguaceiros?

tentação irresistivel de cheirar o perfume das iguarias. Se as direcções, que prezidem a tal serviço, destacassem para este caso qualquer olho da providencia terrestre, muito folgaria o paladar do publico e o esplendor da fiscalização.

Regressou, hontem, ás lides do trabalho o operario, que ficou esmagado n'um fosso do alto do Marquez de Penalva. Os companheiros, á chegada do martyr, romperam em ovações intimas de jubilo sincero.

Aquella saudação representa o diadema da alma popular.

O infeliz que saia do leito de dores para entrar no duro mister do trabalho, depois dos primeiros esforços caiu desalentado sobre uma pedra. Triste sorte a do operario!

JOGO DE FUNDOS

20 DE JULHO DE 1882

CAMBIO DO RIO DE JANEIRO SOBRE LONDRES

Telegrammas—Julho, 11

Cambio Por lib. estl. moeda f.aca
21 5/8 115228

TAXAS DE DESCONTO

No Banco de Portugal a 6 %
No Banco de Inglaterra a 3 %
No Banco de França a 3 1/2 %

EFFECTUADO

Inscrições

Divida interna fundada de 3 p. c. assent. 52,30.

Divida interna fundada de 3 p. c. coupons, 52,40.

Obrigações

Empréstimo de 1881, 815000 réis. Predias de assent. 6 p. c., réis 925100.

Banco Nacional Ultramarino, réis 775000.

Acções

Banco Nacional Ultramarino, réis 495000.

OFFERTAS

Inscrições

Divida interna fundada de 3 p. c., assent., pap. 52,40.

Divida interna hespanhola, din. 26,75, pap. 26,94.

Divida interna fundada de 3 p. c., assent. dinheiro 52,30, pap. 52,40.

Obrigações

Empréstimo de 1881, din. 805900, pap. 815000 réis.

Predias de 5 p. c., assent. din. 855500 réis, pap. 855900 réis.

Predias de 5 p. c., coupons din. 855200, pap. 855500 réis.

Empréstimo á cidade de Lisboa, din. 925500 réis, pap. 935500 réis.

Acções

Banco Lisboa & Açores, dinheiro 1085000 réis, pap. 1095500 réis.

Banco Commercial de Lisboa, din. 1075200 réis, pap. 1085000 réis.

TITULOS

Banco de Portugal, din. 6185000 réis, pap. 6205000 réis.

PRISMA POLITICO

A politica está em ferias. Os segredos de gabinete são intangiveis, e nós, na triste tarefa de espezitar a curiosidade dos leitores, somos impellidos para o campo dos boatos, até os extremos da fantasia.

Os partidos, depois da campanha da Tapada, olham-se de soslaio, com intuitos equivocos.

Isto é natural. Depois da excitação ardilosa vem o colapso manhoso.

Nos jornaes mais proeminentes ainda se ouve ao longe o clarim bellico; mas os cabos de guerra recolhiam-se ás tendas, e a estatua de Jano denuncia treguas.

Nós, apostolos da concordia, gostamos, como o barão de Catanca, da paz e união entre portuguezes.

Nestes tempos, em que, nas ruas de Lisboa, se sofre um sol equatorial, com um pó fino e travesso á mistura, o espirito pede riba virente para repoizo de arduas fadigas. Entre a poeira do Chiado e os lyrios de Cintra não ha hesitação possivel.

A politica vai para Cintra.

O tal colapso ainda não chegou á turba façanhuda, habituada a dar gritos esturdios nas festas civicas dos toiros. O nosso povo tem bom fundo e pessima superficie. A alma popular é generosa, dedicada, nobremente sensivel. Mas a cara do povo, em certos lances, é horrivel.

Ensinaam-lhe que o pau é pedra e agora ha de ser difficil fechar-lhe os olhos da paixão e abrir-lhe os ouvidos da prudencia.

Muito imprudente, o nosso povo em certos casos.

Devia fazer, aqui, referencia a umas travessuras ordinarias, de que foi theatro, ante-hontem, o curro dos toiros. Mas ha certos vicios que, no curro, estão no seu campo.

Lá os deixamos.

A *Folha Nova* não é tão feia como a pintam. Nas suas pretensões encyclopedicas—ella apparece-nos com ares de Plauto depois de banquete, e dá um bocejo de mofa satyrica sobre a nossa economia politica.

Nós queremos o direito ao trabalho, imposto progressivo sobre a opulencia, vigilancia e refugio para a miseria, asylo-fabrica para a infancia,

colonias artistico-agricolas para os adultos, extincção dos hospitaes monumentos, subsidio domiciliario aos doentes pobres, banco obreiro como garantia de credito para o capital-trabalho, e queremos muito mais sem disputarmos glorias a Bastiat, Ricardo ou Karl Marx.

Que quererá a *Folha Nova*? Quer a republica burgueza, que nos seus elementos mais poderozos e predominantes, deriva da escravatura, do monopolio, do roubo do fisco e do jogo cynico sobre o tributo de sangue?

Ora a republica que saisse d'este germen, não tendo o poder do talento a corôa por escudo, essa republica seria a syntese de todos os vicios possiveis e de todas as especulações imaginaveis. Assim o intende o proprio Lasalle, que prefere a monarchia social á republica burgueza, porque a primeira não pôde existir sem reforma justa e a segunda seria apenas a continuação de tudo quanto ha de espoliador e mau na monarchia.

A republica burgueza é o egoismo despotico e lazaro dos potentados sem o freio moderador do Rei.

Em Portugal a republica burgueza produziria trinta monarchas e trezentos principezes.

Da reforma social não cuidaria ella, porque isso se poderia oppôr ao seu poderio de salteadores do Estado e gatunos do fisco.

Nota á *Folha Nova*:

O jornalista só vence quando convence, e não ha convicção onde ha ficção. A imprensa deve inspirar-se nos eternos principios da justiça, nas leis imprescriptiveis do dever, para dirigir, nos limites da ordem, a evolução social.

A discussão é util e necessaria. Importa que a critica seja digna e leal.

Quem sente, no intimo da alma civica, fervoroso culto pela felicidade da patria, deve abdicar, a favor da ventura publica, de todas as argucias capciosas, de todas as subtilezas dissolventes.

Não se avança para a verdade pelos meandros da seita nem pelas ciladas da politica.

Avança-se, pelo estudo social, na suprema analyse historica e na maxima syntese philosophica.

Parece-nos que na *Folha Nova* ha talento e vigor. Feita esta confissão; permittam-nos um pedido. Estudem os vicios da republica burgueza.

Para nós a republica burgueza seria a monarchia de unhas sujas e joanetas, sem gravata ao pescoço, pisando o olho para o thezoiro, e sugando, a nós libertos, o que já não pôde sugar aos escravos.

HAMLET.

via os derradeiros raios maviosos da despedida do anno.

As figueiras, que pendiam dos rochedos expostos ao sol sobre as vagas, ao calmo abrigo das enseadas, tinham ainda as suas largas folhas de esmeralda, e as reverberações do sol contra os rochedos davam-lhes ainda a côr, os esplendores, e o harmonioso claro-escuro das sciabras crepusculares do estio.

Sómente eram tão rapidas essas horas amenissimas da tarde, como a percussão dos remos que moviam a nossa barca entre os mornos escolhos, que formam a margem do lago para o sul. A irradiação horizontal do sol sobre os pinheirões, os musgos verdes, as aves de inverno mais ricamente emplumadas, mais saltitantes, e mais familiares que as da primavera, a longa espuma serpenteando das mil cascatas sonoras, estendendo-se no declive das collinas e caindo em borbotões ruidosos do alto das rochas lizas e negras sobre o lago, o sussurro cadenciado dos remos, que parecia exhalar, como voz amiga occulta nas aguas, gemidos mysteriosos, acompanhando as nossas maguas, enfim a intima solidão harmoniosa, que nós sentiamos nes-

Um suspiro profundo escapava do nosso peito angustiado com estes pensamentos tristes. Não ousavamos communicar-os um ao outro, receando acordar a desgraça, que nos ameaçava.

Oh! quem não sentiu assim na sua vida o gozo de uma felicidade sem segurança, sem dia seguinte, em que a alma se concentra numa hora que dezerjariamos tornar eterna, e que sentíamos que nos fuge minuto a minuto, ouvindo o balancear da pendula, que bate o segundo, olhando para a agulha que devora o espaço sobre o quadrante, percebendo cada movimento das rodas da carroagem, abreviando a distancia em cada rapida volta, ou escutando o sussurro da prôa nas aguas, que deixa a onda para traz, e que nos aproxima da praia, onde será forçoço descer do ceu dos sonhos e das esperanças, para ficar só no areal deserto e frio da realidade!

LI

Uma tarde, em que estavamos deliciosamente embalados na barca, ao brilhante irradiar do sol, numa enseada calma e tépida, entre dois braços da montanha, ouvindo o ruido longinquo d'essas cascatas, que forma-

vam um canto perpetuo debaixo das grutas, por onde se filtravam antes de se perderem no abysmo das aguas, os nossos barqueiros quizeram ir a terra para levantar as redes, que tinham armado na vespera.

Ficámos sós na barca mal amarrada por uma corda ao tronco de uma figueira.

O balanço fez com que se desprendesse a corda, arrastando-nos para o largo sem que o presentissemos; derivamos para o meio da enseada, a uns trezentos passos dos rochedos perpendiculares, entre os quaes se apertava a vasta superficie do lago.

As aguas tinham naquelle logar essa côr bronzea, esse reflexo do metal fundido, essa pézada immobilidade, que lhes dá sempre a proximidade e a sombra das altas montanhas e dos rochedos talhados a pique, indicando a tenebroza profundidade do leito, que ninguém ouza sondar.

Podia pegar nos remos, e acercar-me da margem; mas o isolamento de toda a natureza viva dava-nos a intima consubstanciação deliciosa das nossas almas e umas vagas aspirações para o infinito.

Dezerjariamos perder nos assim não sobre um largo mar, em que desco-

brissemos ainda os arees e as curvas sinuosas da praia, mas na illimitada amplitude do firmamento.

Já não ouviamos as vozes dos barqueiros, que se tinham alongado a perder de vista na vasta enseada da Saboia; os cabos occultavam-nos; sentiamos apenas o sussurro afastado e intermitente das cascatas, e as frescas virações da tarde que atravessavam de tempos a tempos o ar immovel, carregadas das vaporações balsamicas dos pinheirões, e o suave embater da vaga nos flancos da barca, que só ondulara ao ligeiro movimento das nossas respirações.

O sol e a sombra da montanha partilhavam por igual metade da nossa embarcação, a prôa ao sol e a popa á sombra.

Eu estava sentado aos pés de Julia, no fundo da barca, exactamente como no primeiro dia em que a tinha levado de Haute-Combe.

Aprazia-nos recordar pela memoria e por todas as circumstancias aquelle dia que jámais poderíamos esquecer, a era intima de onde o mundo começava para nós, porque esse dia marcava a data do nosso primeiro sentimento de amor.

(Continúa.)

ECCOS DO PAIZ

Na Regoa continua sem alteração sensível o estado do commercio de vinhos.

Os vinhos de consumo cotam-se ainda de 275000 a 325000 réis.

Os verdes dos altos regulam entre 195000 e 235000 réis.

A aguardente nacional oscilla entre 1335000 e 1345000 réis, tendo sido vendido na ultima feira de Alijó a 1355000, posta no Pinhão.

Foi no domingo o doutoramento em medicina do distincto academico o sr. Luiz Pereira da Costa.

Foram oradores os srs. drs. Augusto Rocha e Philomeno da Camara. Serviu de padrinho o sr. conselheiro Candido Maria Cau da Costa.

Realizou-se ha dias, em Thomar, uma festa curiozissima, chamada a procissão dos taboleiros.

As raparigas mais bonitas da terra levam em procissão os taboleiros enfeitados com flores, conduzindo pão, carne e arroz, que, no dia seguinte, é distribuido pelos pobres.

POSTRES

AS PEROLAS

Quem não pensou alguma vez, ao ver os granizos saltar na pedra da varanda e ao ouvir o seu repenicado nas vidraças: «Se estes granizos fossem pedras de cinco duros»? E quem não acrescentou, completando a frase, depois de reflectir um instante sobre os inconvenientes que traria a sociedade e a riqueza repentina, que no fim de contas dava em resultado uma pobreza geral: «E só caissem no saguão da minha casa!»? Porque, em verdade, nada mais inutil que o ouro no dia em que se tornasse tão comum como o estanho. Tudo o que se generaliza é vulgar; ninguém aprecia o que não ha de causar inveja, e é certo que até a saúde se olharia como desprezível se não houvesse doentes.

Que pedras preciosas, que objectos de luxo e de suprema elegancia haverão comparáveis ás flores, tão diversas em brilhante cor, caprichozas formas e suaves perfumes? Que ha, apesar d'isto, mais vulgar que as flores? Verdade é que também já tiveram seu dia de reinado; verdade é que a sua escassez, mais que a sua beleza, as tem feito objecto de luxo em epochas determinadas; mas teem-se destronizado alternadamente umas ás outras, para deixar o posto á ultima e desconhecida produção vegetal de um clima remoto.

Um facto que ultimamente se deu na famosa feira de Leipzig, á qual concorrem, para fazer as suas compras, os mais reputados joalheiros alemães, inspirou-nos as já vulgares reflexões que deixamos escritas acerca das causas de depreciação de certos objectos.

Parece que um commerciante de Ceilão, atégora desconhecido na praça, se apresentou este anno com uma collecção de perolas tão grandes e tão nunca vistas pelas suas condições orientaes, — igualdade e transparencia, — que com justiça foram collocadas em primeiro logar e pagas melhor que todas as outras perolas de que esteve muito abundante o mercado.

Atéqui nada tem de particular o successo; mas é o caso que á ultima hora começou a correr de boca em boca por toda Leipzig uma historia maravilhosa, um verdadeiro conto de fadas.

Dizia-se que o negociante, desconhecido dos que andam neste commercio, era um antigo mergulhador, o qual tinha descoberto um banco tão extraordinario, que todas as conchas que o formavam continham uma perola mais ou menos grande. Julgou-se absurda a historia ao principio; mas logo, tendo em conta a impossibilidade de que, a não ser assim, dispusesse um particular de tão consi-

deravel numero de perolas, não apanhadas nas pescarias do governo, houve um verdadeiro alarme entre os compradores.

E' sabido que as pescarias de Ceilão são propriedade do Estado que possui aquellas ilhas, e que os que arrendam ao governo as pescarias o fazem em lotes muito extensos, de modo que só elles, que dispõem de grandes meios, podem empreender um negocio custozissimo, no qual se empregam milhares de homens para obter algum resultado. Como é que um só individuo, trabalhando izulada e furtivamente, pôde reunir numero tão consideravel de perolas de tal grandeza, quantidade que supõe um immenso lote desprezado e operarios e mergulhadores sem conto?

As pescarias feitas officialmente não teem dado em resultado a certeza da existencia do maravilhoso banco de que se falava em Leipzig; mas tudo induz a crer que com effeito existe, e, uma vez descoberto, inundará o mercado de perolas até o ponto de tornar vulgarissima uma materia hoje objecto de luxo, procurada e paga por preços exorbitantes. —Toca o seu termo o reinado das perolas! —Este grito de angustia, solto pelos negociantes e joalheiros da Allemanha, achou eco nos mais elegantes camarins das damas da Europa.

Teem-se, e com razão, que se repita um d'esses contos orientaes em que as pedras preciosas, dadas pelos genios maus aos rapazes em troca de uma indiscrição, se transformavam no dia seguinte em carvão.

Emquanto o diamante espera trememente a hora em que um quimico o derribe do trono que occupa, ao cristallizar o carvão puro; enquanto as materias mais preciosas, graças ás conquistas da sciencia, aguardam um dia ou outro uma depreciação inevitavel, a perola, essa *gota de rocio coalhada*, como lhe chamam os poetas indios, essa *lagrima da aurora perdida no fundo do mar*, como disse um orientalista celebre, a perola, alheia a todo o receio, graças ás difficuldades da sua aquisição, ostentava-se cheia de orgulho no colo das nossas bellas, nos seus cabelos pretos como a noite, nos seus braços torneados e brancos como a neve.

Todavia, chegou-lhe também a hora. Em vão se procura dissimular a crise até que os joalheiros da Allemanha e os negociantes holandezes tenham realizado as suas vendas; um periodico inglez e duas revistas de interesses materiaes da Belgica soltaram ao mesmo tempo a voz de alarma.

As perolas vão desaparecer do catalogo dos objectos preciosos: já as mulheres deixarão de as ver com inveja na alumada vidraça dos ourives; já não representarão um dos primeiros papeis nas anedotas galantes.

A sua historia, comtudo, é tão brilhante como antiga.

Tem-se discutido muito acerca da epocha da primeira exportação d'esta materia preciosa, objecto sempre de grande commercio entre a India e as nações occidentaes. Homero não fala das perolas, e por esta circumstancia negam alguns que se conhecem antes de uzadas pelos romanos. Mencionam-se no livro de Job e no dos proverbios, e attendendo-se a esta data, parece indubitavel que ao menos do povo judeu foram conhecidas desde tempos muito remotos.

A primeira perola celebre de que fala a historia, perola que por outra parte merecia com razão ser mencionada, é a que Julio Cesar deu a Servilia, irmã de Cato de Utica. Hoje não é possivel formar-se ideia exacta das suas condições e tamanho, por se ignorar o preço que tinham; mas é certo que não devia ser grão de milho como vulgarmente se diz, quando ao galante imperador custou a frioleira de seis mil sextercios grandes, uns cinco milhoes de reales aproximadamente.

D'esta qualidade devia ser sem duvida a que deu origem a um prover-

bio romano, que conta hoje como certo que «uma perola formosa collocada no peito de uma mulher, fazia as vezes de litor, afastando a multidão e strahindo sobre a dona a consideração e o respeito da turba.»

Hoje em dia teem variado muito as condições sociaes; mas ainda se pôde dizer que faz as vezes de Cupido. A quantos, que não fascinariam os mais formozos olhos do mundo, não tem lançado flechas o adreço de perolas de uma mulher rica, especie de arco-iris da tempestade, vaga promessa de um dote appetitozo?

Voltemos porém a Roma.

As romanas, primeiro que tudo, e por mais que alguns escriptores se empenhem em provar-nos o contrario, eram mulheres, e como taes amigas do luxo e da ostentação, caprichozas e antojadiças. Postos estes precedentes, é escusado dizer que o gosto das perolas, então a ultima novidade, se desenvolveu espontaneamente entre o sexo formozo. Uzaram-se perolas por entre os cabellos, nas orelhas, no peito e nos braços. Com ellas se bordaram as tunicas, os veus, os mantos e até os coturnos; incrustaram-se nas vazilhas, nas anforas, nos moveis e até nas paredes. E empoz das mulheres foram os homens. Começou Pompeu entrando triunfante em Roma com trinta corôas de perolas aos pés, e depois de conquistada a Alexandria e generalizado mais o seu commercio, acabaram Caligula e Nero por coalhar d'ellas os arreios dos seus cavalos, depois de as espalhar com espantosa profusão pelos vestidos.

Aos que se espantam hoje do luxo de nossas mulheres e o chamam escandalozo e immoral, quizeramos pôdel-os trasladar de uma das nossas reuniões mais brilhantes ao meio de um d'aquelles saraus ou chás dançantes de Roma, onde se apresentavam damas que, como Lulia Paulina, levavam no corpo diariamente, e assim como quem leva um traje cazeiro, o valor dos seus trinta milhoes em perolas, pedras preciosas e outras sarandalhas do mesmo jaz.

Chegada a este ponto a exaggeração do uso das perolas, parece que não haveria meios de ir mais além; mas não aconteceu assim: os que já não sabiam que fazer para se mostrarem mais prolixos que os seus antecessores, imaginaram pizal-as e servil-as nos banquetes como pó aljofarado por cima dos manjares. «E' porque pizavam pedras de pouco valor, pequenas e deformes, (dirão alguns.)» —Tudo é possivel: em Roma, como em Madrid, havia de haver muitos dos que querem e não podem; mas a vaidade que, posto o não pareça, é muito ingenhoza, tinha estabelecido um ceremonial para evitar burles. No meio do festim, o anfitrião, ou *anfritrão*, tirava a perola do pescoço, uma perola maiuscula, e triturava-a em presença dos convidados que a tinham de consumir.

Ignoramos até que ponto são digestivas as perolas; mas o que podemos assegurar é que, só com a lembrança d'estes banquetes em que representavam papel tão importante, se nos encrespam os nervos ao pensar como rechinariam entre os dentes as suas particulas.

Desde essas epochas de esplendor, as perolas teem continuado a estar em moda no mundo elegante de todos os seculos e de todas as civilizações. Desde aquella celebre que Cleopatra offereceu a Marco Aurelio dissolvida em vinagre, até os historicos fios do Buckingham soltos em presença do caro objecto do seu coração na corte de Luiz XIII, as perolas não intervidio como protagonistas em mil e mil lances de amor historicos.

D'estas cem anedotas só queremos referir uma. Aquella leitora que depois de ler as linhas que deixamos escritas, se lembrem com um suspiro de sentimento das perolas que guardam nas aflagranadas caixas do seu tocador, — que talvez amanhã não tenham mais merito que as contas de vidro que davam aos indigenas os descobridores de Novo Mun-

do, —devem consolar-se da perda dos seus adornos empregando-se no espirito da historia que segue, porque á historia e não conto:

«A princeza de J... é sem duvida alguma a mais formosa dama da corte de Vienna. Os olhares de inveja das suas rivaes já lho tinham dito cem vezes, e cem vezes o circulo florido dos dandis mais puros; que também em Vienna ha dandis. Uns gavavam-lhe a magestade do porte, outros o fogo dos olhos, estas as mãos, aquelles o talhe, quaes os pés, a boca, o nariz, a orelha pequena, rozada e transparente. Tudo em volta d'ella era um concertoz de gabos; os ouvidos tinham-se-lhe costumado aos elogios como a uma muzica conhecida e deliciosa.

«Uma noite o principe entrou no camarim da espoza, ao tempo que ella se vestia para o baile, e offereceu-lhe uma perola como lembrança do aniversario do seu casamento, uma perola monstruosa, magnifica, com toda a suave opacidade, os cambiantes de mil cores e as condições de forma que podem tornar unica uma perola entre as cem mil perolas escolhidas durante um seculo na ilha cujo mar as produz.

«A princeza, ufana com ella, collocou-a na cabeça, no sitio onde o seu cabelo preto se abria sobre a fronte como em duas azas escuras, e partiu para o baile.

«—Que formosa perola! Que magnifica perola! Val um tezoiro! Não tem igual! —Eis as exclamações que a saudaram á entrada no circulo cortezão. —*Que formosa perola! Que magnifica perola!* — e nem uma palavra para os seus olhos, nem uma frase galante ao seu sorriso, á graça da fisionomia, aoabelto do talhe!

«Quando a princeza voltou para casa, é fama que disse, atirando ao chão a formosa perola e calcando-a aos pés:

«—Que dôida!... Quem me mandou a mim levar ao baile esta perola, a unica que só podia ser minha rival, porque, como eu, é unica em Vienna?»

Consolem-se, pois, as mulheres se o acaso as priva de um dos seus adornos predilectos.

Pouco mais ou menos, a historia da perola que acabamos de referir, é a historia de todas as perolas do mundo.

As bellas parecem tanto mais bellas quanto mais singelas e simples, e as feias, se é possivel que haja alguma mulher feia em Hespanha, quanto mais se encifram peor ficam.

Emquanto á perda do valor material, isso não diz tanto respeito ás nossas leitoras como aos joalheiros Samper e Pizala.

GUSTAVO BECQUER.

Uma grande parte dos mariscos estão sujeitos em certas paragens a ser preza das aves de rapina.

Na costa septentrional da Irlanda os córvos costumam exercitar-se neste genero de pesca, levantando os mariscos a vinte ou trinta metros de altura, e deixando-os cair sobre pedras, para quebrar as conchas e assim se apoderarem do interior do marisco.

Andava nessas praias um philosopho a apanhar conchas, e uma das taes aves, tomando-lhe a cabeça calva e luzente por uma pedra, deixou-lhe cair em cima uma grande ostra, e de uma pancada ficaram mortos uma ostra, e um philosopho.

Do *Muanense* extractamos a seguinte curioza noticia:

Inventariando-se os papeis do cartorio do fallecido tabellião Daniel, encontraram-se uns autos de inqueritos policiaes procedidos no rio Anabyjú, d'este districto, em 1873, na primeira pagina dos quaes se lê o seguinte:

Autos de perguntas procedidas em um boi a requerimento de João Francisco e Silva. Examinado o interior dos autos, d'elle consta que o boi nada respondeu.

Parece anedota, mas é verdade.

Certo charlatão foi um dia offerer ao Imperador da China uma bebida denominada — Elixir da immortalidade.

Um mandarim, que estava presente, quiz dissuadir o Imperador de a tomar; vendo, porém, que Sua Magestade insistia, pegou do copo, e bebeu-a de um trago.

O principe irritado por tão grande audacia queria condemnar o pobre mandarim á morte. Este, voltando-se tranquillo, diz:

—Se este elixir dá realmente a immortalidade, Vossa Magestade faria inuteis esforços para me tirar a vida; mas se a não dá... privar-me d'ella por um roubo tão insignificante, não é digno de um — Filho do ceu.

Uma mulher muito feia, de qualquer coiza intentava uma demanda; desesperado o marido, que aborrecia tanta trapaça, disse-lhe um dia:

—Porque não intentas também uma demanda contra teu pai e tua mãe por te fazerem tão feia?

O poeta Milton cazára pela terceira vez com uma mulher muito formosa, porém de genio forte, activo, e caprichozo.

Lord Buckingan, diz-lhe um dia:

—Tu, Milton, possues uma verdadeira roza.

A isto replicou o poeta: —Eu, lord, não o posso julgar pelas côres; porém sinto-o bem pelos espinhos.

Uma senhora muito beata, mas ao mesmo tempo frequentadora da sociedade, depois da sua confissão pediu ao sacerdote se lhe dava licença para pôr, ao menos algumas vezes, carmin na cara. Este respondeu-lhe serenamente:

—Concedo-lh'a de boa vontade, contanto que o ponha de cada vez sobre um lado sómente.

Um proprietario offerecendo de jantar a um homem muito rustico, poz-lhe no prato umas peras moscateis. Este agradecendo:

—Estas peras costumamos nós dar lá fora aos nossos porcos.

O proprietario respondeu: —Tambem nós, e por isso é que tenho o gosto de lh'as offerecer.

TELEGRAMMAS

Paris, 19. — A camara dos deputados rejeitou hoje por 278 votos contra 172 a ordem do dia pura e simples proposta pelo ministro do interior. Em seguida foi convocado o conselho de ministros com urgencia para se reunir ás 6 horas da tarde no palacio do Elyseu. Até agora não se confirma o boato da demissão do gabinete. E' provavel que as coizas se conciliem de modo que não haja mudança de ministerio.

Paris, 20. — As folhas opportunistas opinam pela mudança de gabinete; outras são de parecer contrario a qualquer modificação ministerial. Foi rejeitada a criação da *mairie* central de Paris.

Em Smyrna houve um grande incendio, que durou 7 horas, e destruiu 1:400 casas, deixando sem azilo 6:000 pessoas.

ANNUNCIOS

Album das Glorias

DESENHOS DE BORDALLO PINHEIRO

Estão publicados 28 perfis d'esta publicação completamente nova em Portugal. Preço: avulso, 120 réis; assignatura, 12 numeros, 1200.

Assigna-se no escriptorio da Empresa — Rua dos Correios, 140. 1.º.

A VOLTA DO MUNDO

1 volume lindamente encadernado 32500 A' venda no escriptorio da Empresa Literaria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º.

TYPOGRAPHIA

DA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

5 - PATEO DO ALJUBE - 5

LISBOA

Escriptorio da Empresa - Correios, 140, 1.º Travesa da Palha

Director-proprietario - A. DE SOUZA PINTO

Esta officina montada com todos os aperfeiçoamentos mais modernos, e com uma esplendida e variada colleção de tipos e phantasias das principaes casas de Paris n'este genero, com magnificas machinas Marinoni de grande formato, prelos e machina Minerva, tendo além d'isso um pessoal escolhido, tanto em composição como impressão, acha-se habilitada a tomar conta de todo e qualquer trabalho, desde o bilhete de visita ou factura até ao de maior importancia em luxo e fornato.

Imprime a ouro, prata, cores, em setim, etc.

O preço dos trabalhos, será, quando não menor, igual ao dos outros estabelecimentos typographicos do paiz.

Os snrs. assignantes dos jornaes - *A Volta do Mundo*, *Antonio Maria*, *Raças Humanas* e *Album das Glorias*, gozam em todas as encomendas que fizerem o desconto de dez por cento.

Garante-se a nitidez do trabalho e a prompta execução

Esta officina foi estabelecida pela empresa editora do jornal *A Volta do Mundo* e das *Raças Humanas*, etc., para ali se imprimirem estas publicações, bem como o jornal *Antonio Maria* (capa), etc.

O luxo e nitidez d'ellas são specimen sufficiente para que o publico possa avallar a veracidade do que se promette. A *Empresa Litteraria Luso-Brazileira*, que até hoje tem cumprido tudo quanto tem prometido, que nunca faltou ao seu programma, espera não faltar tambem ao que lhe fôr exigido.

Espera portanto que o respeitavel publico em geral e os seus amigos e freguezes coadjuvem o abaixo assignado nos esforços empregados.

O DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. de Sousa Pinto.

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. de Sousa Pinto

140, 1.º - Travesa da Palha, - 140, 1.º

LISBOA

À VOLTA DO MUNDO

Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO GEOGRAPHICA QUE SE FAZ EM PORTUGAL DE TANTA IMPORTANCIA E COM TANTO LUXO E NITIDEZ

DIRECTORES LITTERARIOS

Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo

Coadjuvados para os diferentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores

O 1.º vol. contém 138 gravuras nitidamente impresso, em bom papel, typo novo, etc.

Preço brochado 24500
Lindamente cartonado 24500

À venda no escriptorio da *Empresa Litteraria Luso-Brazileira* editora, director proprietario A. de Sousa Pinto, Travesa da Palha, 140 1.º, Lisboa. Está em distribuição o 7.º fasciculo do 2.º anno.

Bellissimos brindes Brilhantes e esplendidas publicações

AS RAÇAS HUMANAS, por LOUIS FIGUIER. — Magnifica publicação, nitidamente impressa, optimo papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimos chromo-lithographias.

1 volume de 650 paginas, lindamente encadernado a chagrin e panno dourado pela folha, 34800 réis; brochado, 34000 réis.

A VOLTA DO MUNDO, JORNAL DE VIAGENS E ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS — ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A primeira publicação geographica que se faz em Portugal de tanta importancia e com tanto luxo e nitidez.

Directores litterarios — Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo — coadjuvados para os diferentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores.

O 1.º volume contém 138 gravuras, nitidamente impresso, bom papel, typo novo, etc., etc.

Preço: — Lindamente encadernado e dourado pela folha, 34800; encadernado em percaline, 34500; brochado, 24500 réis.

O ANTONIO MARIA, por BORDALLO PINHEIRO. — 3 bellissimos volumes, encadernados a capricho, contendo coisas extraordinarias e para rir, 154000 réis.

O ALBUM DAS GLORIAS. — Deslumbrante publicação no genero. Estão publicados 28 numeros. — Preço 24800 réis.

NO PORTO

À venda na *EMPRESA JORNALISTICA E LITTERARIA* de A. Ferreira de Brito, rua da Victoria, 166.

EM LISBOA

À venda no escriptorio da *EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA*, director-proprietario A. DE SOUZA PINTO, rua dos Correios, 140, 1.º

AGENCIA GERAL

DO

ANTONIO MARIA E DO MUNDO

No Porto e provincias do Norte

166, RUA DA VICTORIA, 166

(Em frente da travessa dos Clerigos, á esquina dos Caldeireiros)

Recbe annuncios para O MUNDO e para o ANTONIO MARIA, assignantes, etc.

Agencia da VOLTA DO MUNDO e das RAÇAS HUMANAS da *Empresa Litteraria Luso-Brazileira*, de Lisboa.

ALBUM DAS GLORIAS

DESENHOS DE BORDALLO PINHEIRO

Texto de João Rialto, João Ribaixe, João Ripouco, etc.

Publicação de caricaturas, formato in-folio, chromo-lithographias coloridas, rivalizando com o que de melhor se publica no estrangeiro: magnifico papel de luxo.

Estão publicados 28 perfis d'esta publicação completamente nova em Portugal. Esta publicação começou a sahir com a mesma regularidade com que tem sido publicado o jornal *O Antonio Maria*.

Preço: avulso, 120 réis; assignatura, 12 numeros, 14500.
Venite-se nas principaes livrarias. — Assigna-se no escriptorio da *Empresa* — Rua dos Correios, 140, 1.º para onde deve ser dirigida toda a correspondencia ao administrador

A. de Sousa Pinto.

Typographia da *Empresa Litteraria Luso-Brazileira* — Pateo do Aljube, 5 — Lisboa.

LOUIS FIGUIER

As

RAÇAS HUMANAS

VERSÃO PORTUGUEZA

—

ABILIO LOBO

1 vol. de 650 paginas, nitidamente impresso, magnifico papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimas chromo-lithographias

Preço brochado 34000 réis
Lindamente encadernado dourado pela folha 34800 réis

A VENDA ENCADERNADO

A VENDA EN BROCHADO

Empresa Litteraria Luso-Brazileira — Editora — Director-proprietario, A. DE SOUZA PINTO, Travesa da Palha, 140, 1.º Lisboa

O ANTONIO MARIA

Publicação humorística illustrada

POR BORDALLO PINHEIRO

E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81. Existe um diminuto numero de colleções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente enc., capas em chromo, envernizadas, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 154000 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

À venda na *Empresa Litteraria Luso-Brazileira*, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do *Antonio Maria*. Toda a correspondencia dirigida a A. de Sousa Pinto.

Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empresa recebem-se colleções para encadernar e arranjar nas mesmas condições ao preço de 34750 réis os 3 vol.

Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto — livro de orações consideravelmente augmentado; impressão em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo.)

Livros de estudo portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albums para retratos e desenho; vistas de Portugal, oleographias, chromos, objectos para desenho. Unica casa onde se vendem livros para Conservatorias.

229, RUA AUGUSTA, 231

A FOLHA NOVA

Redactor principal, Emygdio d'Oliveira

Assignatura: Porto, anno, 24000; semestres, 14500; trimestre, 7500 réis. Provincia, anno, 24000; semestres, 14500; trimestre, 7500 réis. Brazil e Estrangeiro, anno, 64000 réis.

Redacção e administração, rua da Fabrica, 66 — Porto.

ALMANACH DO ANTONIO MARIA PARA 1882

Preço 300 réis

À venda no escriptorio da *Empresa Litteraria Luso-Brazileira*, Correios, 140, 1.º